



Da produção a venda na feira: desafios da agroecologia no cotidiano de agricultoras, agricultores e de uma estudante
From production to sale at the street market: challenges of agroecology in the daily lives of farmers and a student

FREITAS, Isabela Fredes de¹; PINHO, Thielle Vieira²; GUATIMOSIM, Eduardo³; CALDASSO, Liandra Peres⁴.

¹ Universidade Federal de Viçosa, isabela.fredes@ufv.br; ² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, thielle.pinho@hotmail.com; ³ Universidade Federal do Rio Grande, e.guatimosim@furg.br; ⁴ Universidade Federal do Rio Grande, liandra.caldasso@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: Semear, cultivar, esperar crescer, colher, levar a feira, vender, começar tudo de novo. São diversos os desafios e percalços que os(as) agricultores(as) familiares agroecológicos(as) enfrentam semanalmente para garantir o escoamento de seus produtos. Neste relato de experiência, são apresentadas percepções acerca das dinâmicas das relações sociais estabelecidas durante a comercialização na Feira Livre Municipal de São Lourenço do Sul/RS. As informações foram sistematizadas a partir do projeto “Estratégias de comercialização da agricultura familiar agroecológica – um estudo sobre a feira municipal de São Lourenço do Sul” da Universidade Federal do Rio Grande. A pesquisa se baseou no acompanhamento da comercialização de produtos de uma família de agricultores, durante um ano. Ao final dos estudos foi possível perceber que as relações construídas na feira, entre consumidores(as) e agricultores(as) ultrapassa as relações monetárias estabelecidas na economia capitalista neoliberal.

Palavras-Chave: circuitos curtos de comercialização; relações de confiança; soberania e segurança alimentar; diversidade produtiva.

Contexto

Este relato trata de um esforço reflexivo e criativo, capaz de assimilar e discutir as vivências obtidas durante a execução do projeto de pesquisa intitulado “Estratégias de comercialização da agricultura familiar agroecológica – um estudo sobre a feira municipal de São Lourenço do Sul”, executado pelo Grupo de Pesquisa Interinstitucional em Agroecologia e Economia Solidária em 2021, e desenvolvido sob a orientação do professor Eduardo Guatimosim, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

O estudo teve como objetivo entender e caracterizar a contribuição que a comercialização na feira livre tem sobre a receita mensal de famílias da agricultura familiar agroecológica de São Lourenço do Sul - RS.



As feiras livres são espaços de comercialização bastante acessados pelos agricultores de base agroecológica no Brasil e, configuram-se como espaços educativos e de diálogo de saberes entre agricultores(as) e consumidores(as) (DAROLT *et al.*, 2016).

Os resultados serão divididos em dois episódios que buscam exemplificar como as dinâmicas e as relações sociais são estabelecidas na feira, bem como, apontar alguns desafios enfrentados por estes feirantes na comercialização de seus produtos.

Descrição da Experiência

Entre agosto de 2021 e julho de 2022, durante 48 sábados, entre 06h00 e 12h30, a equipe do projeto acompanhou a feira livre de São Lourenço do Sul/RS, especificamente uma banca de agricultores familiares de base agroecológica, cujos produtos comercializados são todos produzidos pelo esforço coletivo do próprio núcleo familiar.

Além das atividades relativas à execução do projeto, foi possível acompanhar a rotina da família, seus anseios, vontades, sonhos, decepções, alegrias, tristezas, bem como articulações entre famílias de agricultores(as) agroecológicos(as), relações com o poder público municipal e com os consumidores(as) em geral.

Dia após dia, semana após semana, foi sistematizado em diário de campo, as sensações, angústias e aprendizados experienciados no acompanhamento da família de feirantes. Cabe aqui ressaltar que a equipe já tinha estabelecido previamente uma relação de proximidade e confiança com a família analisada desde 2018 a partir de trabalhos realizados em disciplinas e projetos de extensão e pesquisa. Salientamos aqui a importância dessa relação de confiança, com o elo que proporcionou a execução deste projeto, haja vista que a equipe os auxiliou no atendimento da banca, lidando com seus clientes e dinheiro que circulava durante a comercialização na banca.

Caracterização da unidade familiar, da feira livre e do Grupo de Consumo responsável Jerivá

A propriedade da família é localizada em Campos Quevedos, 7º distrito de São Lourenço do Sul, a cerca de 50km da zona urbana do município. Na propriedade residem o casal de agricultores e seu filho (que exerce a mesma função que seus pais). A família se autodeclara branca, descendente de pomeranos e alemães, e são de religião luterana. Estão na propriedade há cerca de 33 anos, e há cerca de 15 anos produzem de forma agroecológica. Já comercializaram seus produtos via Cooperativa Sul-Ecológica, que é vinculada a Rede Ecovida, contudo, muitas famílias de agricultores vizinhos que faziam parte de seu grupo pararam de produzir e, por conta disso, o grupo se desarticulou. A produção contempla uma diversa gama de hortaliças, das quais a maioria a própria agricultora faz as mudas, até



bolos, cucas, biscoitos e pães. Os pães artesanais são feitos tanto com ingredientes convencionais, quanto com Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC).

A feira livre municipal de São Lourenço do Sul é um espaço de comercialização ocupado por feirantes e agricultores(as) familiares. Ela ocorre há mais de 25 anos aos sábados na Praça Central Dedé Serpa. O espaço é ocupado por aproximadamente 25 bancas de feirantes.

Dentre as bancas de agricultores familiares, quatro ofertam produtos de base ecológica – certificados via Organismo de Controle Social (OCS). Entre as quatro bancas, duas ofertam produtos produzidos unicamente na sua unidade familiar, ao passo que as outras duas ofertam produtos de um grupo e/ou de agricultores vizinhos. Todos(as), agricultores(as) têm na produção agrícola familiar sua principal fonte de renda, e escoam seus produtos tanto na feira livre municipal, quanto no Grupo de Consumo Responsável (GCR) Jerivá.

O GCR Jerivá é um grupo que tem em seus princípios consumir produtos da agricultura familiar de base agroecológica (ou em transição agroecológica) e de empreendimentos de economia solidária. O GCR recebe apoio da Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) e é, em sua grande maioria, formado por professores(as), pesquisadores(as) e estudantes da FURG. Quatorze agricultores e agricultoras familiares e 2 empreendimentos econômicos solidários fornecem produtos e alimentos para o grupo. O grupo possui entrega quinzenalmente, também aos sábados, no mesmo horário da feira. A feira, por ser um espaço ao ar livre e de acesso aberto, possui uma maior diversidade de consumidores(as) de diferentes perfis sociais, econômicos, de raça e etnia.

Resultados

Relações de confiança, cooperação e (des)certificação orgânica

Ao fim das atividades foi possível perceber como funciona a dinâmica dos agricultores agroecológicos entre si. Existe uma certa desconfiança entre os integrantes das bancas, principalmente em relação a procedência agroecológica dos produtos. Diversas vezes outros agricultores(as) foram vistos comprando produtos em bancas convencionais, para supostamente suprir demandas de pedidos de clientes.

Em relação a certificação orgânica, as últimas visitas à propriedade da família ocorreram em 2019, antes da pandemia. Existe, entretanto, o questionamento acerca da utilidade da certificação orgânica, uma vez que nem sempre as visitas entre pares têm ocorrido de forma eficiente.

A feira em si também traz diversos problemas de funcionamento, como por exemplo o fato dos(das) agricultores(as) não terem acesso a luz elétrica e a água de qualidade no local. Outros problemas incluem a falta de banheiros adequados; a rua em que ocorre a feira não é totalmente bloqueada nos dias de feira (o que gera muitas vezes insegurança para os(as) feirantes e para os(as) consumidores(as)). Muitas destas questões poderiam ser resolvidas e/ou amenizadas, caso os feirantes se unissem enquanto um coletivo ou uma associação, para discutir questões de



organização da feira, delimitar deveres e discutir direitos. Uma união dessa natureza poderia trazer avanços de modo a propiciar melhores formas de diálogo com o poder público.

De certa forma, já existe uma associação de feirantes, dispostos a trabalharem juntos e cooperarem em relação aos preços, a manterem a camaradagem e a harmonia, a se ajudarem quando necessário. Situações de cooperação foram presenciadas semanalmente, quando os(as) amigos(as) da banca vizinha ajudam a levantar a lona; quando perguntavam quanto vão cobrar por determinado produto; quando vendem produtos mais baratos para os(as) outros(as) feirantes para servir de matéria prima a produtos processados; quando trocam e/ou vendem produtos aos(as) amigos(as) para colocarem em suas encomendas e não deixar faltar produtos para seus clientes. Mas toda essa cooperação tem um limite, que não ultrapassa a barreira da desconfiança que têm entre si. E assim fica a pergunta, como pensar em associação quando falta confiança?

A feira como um espaço de encantamento, convivência e troca de saberes

Embora a maior parte das pessoas acredite que a feira aconteça apenas aos sábados, das 6 da manhã até o meio-dia na praça municipal da cidade, muitos outros eventos antecedem a feira.

A preparação acontece desde o momento do preparo do solo até o plantio; na preocupação em se ter alimentos em todas as épocas do ano; na colheita das hortaliças; na escolha dos grãos de feijão; no preparo dos biscoitos; na escolha de quais pães assar - quais PANC colocar; na torra do amendoim; no envase do mel.

Depois que os produtos foram cuidadosamente escolhidos e acomodados, a família entra no carro, e dirigem 50 Km até a cidade. A próxima etapa é desejar “bons dias” aos amigos – em pomerano¹, e iniciar a montagem da barraca. Levantar a lona não é nada fácil, muitas vezes com chuva e vento forte, a agricultora segura a corda com bambu, enquanto o agricultor fixa o ferro no chão para fazer a amarração.

Lona esticada e corda bem presa, é hora de montar a banca. Cada produto tem seu lugar e é devidamente acomodado. Banca montada e é hora da chegada do primeiro cliente. Durante todo o período de acompanhamento da banca da família, não houve uma feira sequer em que não fosse sempre a mesma pessoa a chegar primeiro na banca. O cumprimento é dado com um “Morgen” (saudação de início de dia em pomerano e/ou alemão), e em seguida são comprados pães.

A rotina da feira não se altera muito, de maneira geral, de um sábado para o outro. E, embora alguns momentos sejam melhores que outros, os(as) amigos(as) e consumidores(as) sempre estão ali, quase que religiosamente, sempre no mesmo horário, alegrando as manhãs durante a pesquisa.

São poucos(as) os(as) consumidores(as) que encomendam produtos, porém, na grande maioria dos casos, nem é necessário: o casal de agricultores já conhece os hábitos de consumo de seus clientes, e já deixam separados os produtos que cada um pode querer.

¹ Imigrantes oriundos da Pomerânia, localizada na região oriental da Alemanha, dominada pelo Império Prussiano, que atuaram no processo de colonização do sul do Rio Grande do Sul no final do século XIX (WEBER; BOSENBECKER, 2010).



As feiras se mostram como um espaço de comercialização de resistência, já que como podemos perceber, são construídas relações entre consumidores(as) e agricultores(as), pautadas na confiança e no carinho, muito além da relação de compra e venda (INSTITUTO KAIRÓS e CAPINA, 2013).

Durante o período de acompanhamento, diversas vezes foi possível perceber o carinho dos(as) consumidores(as) para com os(as) agricultores(as). Presentes de aniversário ao agricultor e de agradecimento à agricultora pelo carinho e provimento do alimento; troca de sementes e mudas; comidas com PANC. Especificamente em um sábado de feira, os(as) agricultores(as) receberam sushi de uma das consumidoras (dona de um restaurante da cidade), que sempre utiliza os produtos agroecológicos da feira em suas receitas. Nenhum dos(as) feirantes havia comido sushi antes e a experiência pareceu ser de alegria misturada com desconfiança.

As feiras proporcionam um espaço de convivência, troca de saberes e experiências entre quem produz e quem consome, criando assim um ambiente de aprendizagem, solidariedade e amizade (INSTITUTO KAIRÓS e CAPINA, 2013).

Nos dias em que, além da feira, ocorriam também as atividades do GCR Jerivá, os melhores produtos da banca eram selecionados para os *Jerivandes*². Embora os valores recebidos a partir da comercialização dos produtos via GCR não representassem um valor elevado para a receita da família, ela parecia estar satisfeita em fazer parte do grupo.

Para além do escoamento da produção no GCR e na feira, a família também fez parte de um projeto que teve como objetivo a aquisição de produtos da cesta básica advindos da agricultura familiar de base agroecológica, para posterior doação a cerca de 50 famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Dessa forma, era possível ampliar o acesso a alimentação saudável, e fortalecer a agricultura familiar local.

A partir da presente experiência foi possível perceber as dificuldades da agroecologia no cotidiano. Semear, esperar crescer, pôr adubo, regar, colher, ofertar na feira, vender, voltar para casa, cuidar dos bichos, descansar por uns instantes para recomeçar tudo de novo. Enxergar a agroecologia apenas a partir de um ponto de vista romantizado e bucólico do campo é trazer à tona apenas parte da equação. São diversos os percalços que as pessoas que constroem a agroecologia de fato enfrentam, tanto no campo da prática quanto da produção de alimentos. É importante discutir e tomar conhecimento de como esses processos se dão, para que seja possível pensar em formas de tornar esse caminho cada vez mais promissor. Que seja possível caminhar os múltiplos caminhos agroecológicos e neles solidariamente construir a transformação.

Agradecimentos

Agradecemos imensamente aos agricultores e agricultoras da feira livre municipal de São Lourenço do Sul pela parceria e amizade durante a realização da pesquisa e em diversos outros momentos. À Universidade Federal do Rio Grande, à Incubadora

² Denominação adotada para identificar os(as) consumidores(as) do Grupo de Consumo Responsável Jerivá, a fim de respeitar todas as identidades de gênero existentes no grupo.



de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) e ao Grupo de Consumo Responsável Jerivá (GCR Jerivá) por proporcionar a bolsa que tornou possível a realização desta pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia, da Universidade Federal de Viçosa e à CAPES por possibilitarem a bolsa que garante o aprofundamento dos estudos no tema.

Referências bibliográficas

INSTITUTO KAIRÓS; CAPINA (Org). **Práticas de comercialização:** uma proposta de formação para a economia solidária e a agricultura familiar. São Paulo: Instituto Kairós, 2013, 159p.

WEBER, Regina, BOSENBECKER, Patrícia. **Disputas pela memória em São Lourenço do Sul:** uma visão histórica de representações étnicas. Cadernos do CEOM. v.32, p. 347-369. 2010.

DAROLT, Moacir Roberto; LAMINE, Claire; BRANDENBURG, Alfio; ALENCAR, Maria de Cléofas Faggion; ABREU, Lucimar Santiago. **Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil.** Revista Ambiente & Sociedade, 2016.